O C.P.O.R. DO MEU TEMPO (*)

JOÃO HIPÓLITO CAMPOS DE OLIVEIRA

O filósofo Kierkegaard, numa página lapidar sôbre o presente, escreveu que o homem devia ser contemporâneo de si mesmo. E eu acrescento: digno de sua contemporaneidade, precisa mostrar-se, também, à altura de sua mocidade. A minha geração soube honrar a sua juventude, a despeito de ter sido esta sacrificada, em pleno apogeu, pela 2.ª Grande Guerra Mundial.

A êsse tempo, Fortaleza era uma cidade bisonha e risonha, naquela fase de menina-môça, de entreaberto botão e entrefechada rosa, a que se refere Machado de Assis. Era a Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção que os meus contemporâneos e conterrâneos Yaco Fernandes, Juarez de Alencar, Artur Eduardo Benevides, Sinó Pinheiro, Otacílio Colares e Aluísio Medeiros cantaram e decantaram em admiráveis poemas. Todos exaltaram a capital em que antevìam a metrópole de amanhã, sendo que Yaco Fernandes, após chamá-la de "cidade-aumentativa das lapinhas", gritava "alegre e possessivamente", "a minha cidade! a minha cidade!"

No início da década de 40, quando já ia em meio o conflito universal, intensificou-se em Fortaleza uma campanha pela instalação de um estabelecimento de ensino para a formação de oficiais da reserva do Exército Nacional. Concorri modestamente, com notas pela imprensa, para sua criação, cuja idéia se tornou vitoriosa em meados de 42, quando foi autorizado o funcionamento no Ceará, então unidade da 7.ª Região Militar com sede no Recife, do Núcleo de Preparação de Oficiais da Reserva.

O N.P.O.R. abriu matrículas tendo se inscrito cêrca de 1 000 candidatos que se submeteram a exames físicos e intelectuais dos mais rigorosos. Nos primeiros, deixaram de ser aproveitados 500 e

(*) Palestra pronunciada no Instituto, no dia 20-8-69.

dos outros 500 que fizeram as provas de conhecimentos apenas 150 foram aprovados, tendo sido eu um dêles. Logo depois, o Ministério da Guerra ordenou o aproveitamento de mais 50 candidatos, perfazendo assim um total de 200, que formaram o efetivo de sua primeira turma.

O N.P.O.R. era comandado pelo cap. Hiran Soares Bulcão e tinha como oficiais os tenentes Felizardo, Ellery e Vitoriano e, por pouco tempo, os tenentes Marinho e Monteiro, e como monitores os sargentos Otacílio e Carneiro.

As aulas foram ministradas inicialmente, na Escola Preparatória de Cadetes de Fortaleza até à construção de sua sede na Av. Bezerra de Menezes.

À falta, no mercado, de verde-oliva, a nossa primeira farda foi um macacão de mescla azul, com o qual fizemos alguns desfiles em Fortaleza, que sempre nos dispensou os melhores aplausos.

Em conseqüência da criação da 10.ª Região Militar, sediada em Fortaleza, o núcleo, com o curso apenas de Infantaria, foi transformado em Centro de Preparação de Oficiais da Reserva, passando a abrigar, no seu 2.º ano de funcionamento, igualmente alunos de Intendência.

Nosso efetivo, dividido em três turmas — A, B e C — tinha aulas de segundas às sextas-feiras, de 6h 30 minutos às 8h 30 minutos, e aos sábados durante tôda a manhã, ao longo de cêrca de 2 anos de treinamento intensivo.

Além dos exercícios de Educação Física, ordem unida, maneabilidade, de tiro, de combate, de acampamento, havia aulas de Topografia, Transmissões, Armamento, Organização de Terreno, bem como de Instrução Geral, em que se estudavam os regulamentos do Exército — o R. D. E., o R. Cont., o RISG.

As marchas — e a Infantaria percorre 4 km em 50 minutos, com um descanso de 10 minutos — eram ampliadas progressivamente e serviam para pôr à prova a resistência do infante. Aliás, os cearenses, andejos por natureza, são bons soldados da Infantaria, cuja arma, por isso mesmo, é a preferida pelos nossos conterrâneos. Enquanto isso, os gaúchos "bem nutridos, rosados e claros, ostentando tufadas pantalonas, o poncho esvoaçante, o chapeirão de aba quebrada à testa, esporas a tilintar nos calcanhares das botas altas, montando cavalos gordos, de peito largo, de estatura elevada, como que feitos para as correrias nas campanhas rasas e limpas", na sugestiva imagem de Plínio Salgado, os gaúchos, repito, são os cavalarianos por excelência.

Foi acertada, portanto, a escolha de um General cearense, por sinal a nossa maior glória militar, Antônio de Sampaio — o Infante Imortal — no dizer de um dos seus mais fiéis retratistas, o major Mauro Lopes Lima, sócio correspondente dêste Instituto, para patrono da Infantaria, por indicação aliás do então capitão Humberto de Alencar Castelo Branco, e bem assim a de um gaúcho Manuel Luís Osório — o Centauro dos Pampas — no julgamento de um de seus

mais notáveis biógrafos, o escritor cearense Gustavo Barroso, como símbolo da Cavalaria.

Nos nossos exercícios costumávamos entoar canções patrióticas como o "Avante Camaradas", "Canção do Soldado" ou "Amor Febril", "Canção do Infante" e "Ardor do Infante", não sendo de admirar a inclusão, entre elas, de "Madsenlita", nome derivado da metralhadora Madsen, da criação do nosso colega Francisco de Melo Jaborandir, uma paródia à música em voga intitulada Manolita.

Devo dizer que o Hino do C.P.O.R. foi composto depois, tornando-se hoje, certamente, um dos cânticos obrigatórios de seus alunos.

A Canção do Infante, letra de Hildo Rangel, que se constitui o hino da Infantaria, assim a eleva e enleva:

"Nós somos êstes infantes
Cujos peitos amantes
Nunca temem lutar,
Vivemos,
Morremos,
Para o Brasil nos consagrar!

Nos peitos nunca vencidos,
De valor desmedidos,
No fragor da disputa,
Mostremos,
Que em nossa Pátria temos,
Valor imenso
No intenso da luta.

És a nobre Infantaria
Das armas a rainha,
Por ti daria
A vida minha,
E a glória prometida,
Nos campos de batalha,
Está contigo
Ante o inimigo
Pelo fogo da metralha!

És a eterna majestade
Nas linhas combatentes
És a entidade,
Dos mais valentes
Quando o toque da vitória
Marcar nossa alegria,
Eu cantarei,
Eu gritarei,
— És a nobre Infantaria!

Já o "Ardor do Infante", uma poesia de Olavo Bilac, musicada por Thiers Cardoso, diz inicialmente:

— Onde vais tu, esbelto infante
Com teu fuzil lesto a marchar;
Cadência certa, o peito arfante
Onde vais tu a pelejar.

— Para longe vou! A Pátria ordena
Sigo contente o meu tambor
Cheio de ardor, cheio de ardor...
Pois quando a Pátria nos ordena
Vive-se só da própria dor...

Após a prova de comando e depois da seleção final — com os defeitos — é óbvio — de tôdas as verificações, concluíram o curso 126 alunos, que foram declarados aspirantes a 25 de agôsto de 1944, no Dia do Soldado, há precisamente 25 anos, cabendo-me a honra de estar incluído entre êles.

A declaração de aspirantes, com a entrega das espadas, foi uma cerimônia original, tendo o *Correio do Ceará*, numa nota que reconstitui no dia 26, no "Calendário" que mantenho diàriamente naquele jornal, salientando "Festa igual Fortaleza ainda não presenciou, tendo comparecido todos os aspirantes fardados de branco, ostentando impecável linha, acompanhados de suas madrinhas, pertencentes à sociedade elegante da Terra da Luz."

Os 40 aspirantes de melhor classificação, no número dos quais eu tive a alegria de figurar, foram logo convocados para estagiar nos dois batalhões de Fortaleza, no caso o 23 BC e o 29 BC, assistindo aos 20 primeiros o direito de escolher um ou outro corpo de tropa.

Interessante é que quase todos êles optaram pelo 29 BC, indo os outros, como ocorreu comigo, classificado no 36.º lugar, para o 23 BC, cujo comandante, o cel. Florêncio José Carneiro Monteiro, tinha fama de inteireza e severidade.

Creio que, se houvesse podido fazer a opção, não teria sido tão feliz como o fui com a minha designação para o 23 BC, onde o comando, exercido realmente com austereza e integridade, foi a garantia de êxito de todos os estagiários. No 23 BC, estagiamos em tôdas as companhias, que eram comandadas pelos oficiais Rômulo Figueiredo, Edmilton Santabaia Nogueira e Oliver Carneiro Ramos, e na metralhadora, pelo cap. Raimundo Gomes Alves. Servíamos no 23 BC, em dezembro de 44, quando partiu rumo ao Rio, sob o comando de nosso comandante, o coronel Florêncio Monteiro, a tropa cearense integrante da Fôrça Expedicionária Brasileira, que lutou nos campos de batalha da Europa. Foi um espetáculo tocante, uma cena emocionante, que ficou para sempre em minha memória, tais os atos de coragem, os gestos de bravura, que presenciei, como esta que

me permiti reproduzir. Procedida a chamada dos sargentos que participavam do corpo expedicionário, um dêles não se achava presente, ao que o comandante, dirigindo-se aos que iam ficar, pediu que desse um passo à frente aquêle que pudesse substituí-lo. Vários o fizeram, mas a essa altura chegou apressado o sargento, que foi ocupar o seu glorioso lugar ao lado daqueles que embarcaram para o Rio a fim de se incorporarem aos que seguiriam com destino ao teatro de operações na Europa.

Guardo, com profunda emoção, a minha fôlha de serviços do 23 BC, em que, menos por mérito meu de que pela bondade de meus superiores — aos quais reafirmo neste instante a mais sincera gratidão —, constam elogios que muito me desvaneceram.

Aos generais Florêncio José Carneiro Monteiro e Hiran Soares Bulcão, que deixaram no meu espírito as mais fortes e indeléveis impressões pelos acendrados exemplos que proporcionaram aos seus comandados, aos meus ex-comandantes, que têm nos seus atuais substitutos coronéis João Olímpio Filho e Paulo Ferreira Studart legítimos continuadores de suas elevadas virtudes cívicas e de seus altos predicados militares, quero traduzir, neste momento de gratas e gradas recordações, as minhas mais justas homenagens, o meu mais enternecido agradecimento.